

## QUESTÕES DE MÉTODO: A GAZETA PELOTENSE (1976)

AMILCAR ALEXANDRE OLIVEIRA DA ROSA<sup>1</sup>; MÁRCIA JANETE ESPIG<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [amilcarfloripa@gmail.com](mailto:amilcarfloripa@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [marcia.espig@terra.com.br](mailto:marcia.espig@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa à apresentação de elementos metodológicos utilizados para a análise do jornal *Gazeta Pelotense*, que circulou entre os meses de setembro de 1976 e janeiro de 1977 em Pelotas (RS). É parte da pesquisa em andamento denominada provisoriamente “*Gazeta Pelotense: ensaio para uma imprensa de transição (1976)*”, que tem a finalidade de estabelecer uma categoria – a de *imprensa de transição* – a partir de algumas opções teóricas e metodológicas próprias da historiografia adotadas para analisar o jornal. A abordagem interdisciplinar introduzida desde as primeiras gerações da Escola dos Annales, acompanhada, na década de 1950, do surgimento da televisão e do incremento da comunicação visual, “estimulou a emergência de uma teoria interdisciplinar da mídia” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 11). A história, como prática de pesquisa, e o jornalismo, como relato, distinguem-se justamente por aquela necessitar de validação, a partir de um método – incluindo o que utiliza ao analisar a atuação da imprensa, como objeto de estudo ou como fonte para analisar outros fatos históricos. Já o Jornalismo é validado diariamente pelo leitor, que “compra” ou não a informação prestada, mas que não tem acesso às estratégias de coleta e checagem de informações pelo jornalista. Ambos, porém, jornalista e historiador, encontram-se em um mesmo lugar, entre narradores e leitores, atribuindo sentidos aos fatos narrados, relação sempre mediada pela cultura, como afirma Costa (2014).

### 2. METODOLOGIA

Algumas opções teóricas e metodológicas próprias da historiografia são adotadas para analisar a *Gazeta Pelotense*. Nem todas têm aceitação pacífica entre os historiadores e isso por si já é um desafio para a pesquisa. Mas, juntas, compõem um método útil para os estudos históricos sobre a imprensa. Neste trabalho, é preciso justificar teórica e metodologicamente: 1) a possibilidade de usar o recorte temporal escolhido, e nesse caso é importante recorrer às razões fornecidas por alguns autores que lidam com a história do tempo presente; e 2) a utilização de apenas um periódico – de curta duração – para a pesquisa, e nisso a microanálise é importante.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, a justificativa temporal para a análise do jornal *Gazeta Pelotense* tem-se mostrado fundamental pelo fato de a abordagem envolver acontecimentos não tão distantes no tempo, o que nem sempre é aceito pela comunidade científica, e provoca cuidados redobrados, do ponto de vista de sua

justificativa. Do ponto de vista historiográfico, este foi um dos limites da Escola dos Annales, que priorizava “a escolha de uma duração suficientemente longa para tornar observáveis transformações globais” (REVEL, 1988, p. 17). As inovações permitidas pelos usos da história do tempo presente permitem superar a barreira que considerava apenas objetos distanciados no tempo como produtos de análise histórica.

Fico (2012, p. 3) afirma que “a marca central da História do Tempo Presente – sua imbricação com a política – decorre da circunstância de estarmos, sujeito e objeto, mergulhados em uma mesma temporalidade, que, por assim dizer, ‘não terminou’”. Essa característica, segundo o autor, leva historiadores como Hobsbawm a considerarem a vivência de certos acontecimentos um ganho para análise, que quem não viveu não teria. Para Fico, Hobsbawm confunde recuo temporal e perspectiva. Memória e história, para este autor, no caso da história do tempo presente, têm uma “imbricação constituinte”.

Isso vale ainda mais para o caso das memórias traumáticas – como as decorrentes da ditadura civil-militar instaurada no Brasil em 1964 – e sua relação com a *justiça de transição*, cujo paralelo julga-se ser possível traçar com *imprensa de transição*, objetivo principal da pesquisa em andamento de que este artigo extrai algumas conclusões de ordem metodológica. O autor entende que a Lei da Anistia, de 1979, e a Campanha pelas Diretas, em 1984, são exemplos de “traumas” que, mais do que resultado de violência, são produto de frustração de esperanças (FICO, 2012, p. 8). Essa ideia de trauma elaborada por Fico pode ser uma das pontes para comparações e aproximações teóricas entre *justiça de transição* e *imprensa de transição*, ao analisar a lacuna deixada nos participantes das iniciativas jornalísticas em Pelotas, em plena ditadura, que não conseguiram levar seus projetos adiante<sup>1</sup>.

Em um ambiente de grandes narrativas históricas e pontos de partida ancorados no método dedutivo, dificilmente uma abordagem como a que se propõe nesta pesquisa seria possível. Mas novas perspectivas historiográficas trouxeram à cena outras possibilidades de abordagem de problemas na área. A microanálise, ou micro-história, é uma delas. A necessidade de ampliação do universo de fontes anda *pari passu* com as novas abordagens historiográficas, não mais à procura de uma grande narrativa para justificar estratégias de pesquisa e métodos de análise, mas, partindo do micro, estabelecendo planos mais gerais, caracterizados por histórias individuais diversas.

Individual aqui não é necessariamente relacionado a um sujeito individual, mas a um sujeito histórico observado em escala micro. Afinal, o “individualismo metodológico” tem limites, porque é de experiências coletivas que se busca definir regras de funcionamento das sociedades (REVEL, 1988, p. 23). Portanto, pode ser um sujeito coletivo, uma iniciativa de grupo, mas analisado a partir de uma perspectiva micro, de uma escala que não tem a ambição de estabelecer um sistema, mas um padrão, que pode ser replicado. Segundo Revel (1988, p. 6),

o caráter intensivo do método microanalítico tem como mérito principal ajudar-nos a perceber melhor o embaralhamento das lógicas sociais, a resistir melhor, também, à tentação de uma reificação de ações e das

<sup>1</sup> O “ensaio” referido no título o projeto da pesquisa sobre a *Gazeta Pelotense* tem dois objetivos: relacionado ao pesquisador, que ensaiará uma hipótese, e ao próprio jornal, que ensaiou uma tentativa de andar no fio da navalha, nem crítico, nem aderente ao regime. A transição, neste caso, é um movimento, tanto para o jornalismo, quanto para a justiça. Qual o limite de ambos?

relações, assim como das categorias que nos permitem pensá-las.

Nada mais adequado para os fins dessa pesquisa.

Assim, a abordagem de um fenômeno micro, observado em uma perspectiva temporal de curta duração, orienta procedimentos para reunião de documentos, entrevistas e análise que, ao final, constituem um método cuja referência principal é o jornal *Gazeta Pelotense*. Por fim, as contribuições da História Oral, particularmente as relacionadas às reflexões sobre memória e versões da história como possibilidades, nos termos de Portelli (1996), também são utilizadas para a pesquisa de que este trabalho constitui um extrato.

#### 4. CONCLUSÕES

Mais do que contar a história da *Gazeta Pelotense*, os procedimentos metodológicos elencados ao longo desse artigo podem levar a conclusões sobre a própria natureza da prática jornalística em um país que ainda insiste em não consagrar a cidadania, mesmo em períodos considerados democráticos. E que tem a ver com a capacidade de adaptação dos veículos jornalísticos, sempre às voltas com uma produção de discursos acomodada aos interesses do capital que os sustenta, ainda mais em sociedades pouco desenvolvidas, embora ditas democráticas.

Neste caso, cabe à história analisar esses discursos, situá-los conforme aqueles interesses, ou, em raros momentos, na contrariedade a eles. A história do tempo presente e a micro-história são dois suportes importantes nesse sentido. Ao jornalismo, cabe fazer autocrítica de suas práticas, à luz das informações trazidas pela história, que ele ajuda a construir. Em um cenário ideal, seriam muito mais do que campos adversários disputando a primazia pelo registro e a interpretação dos fatos, mas práticas complementares, cujos maiores beneficiários seriam leitores e leitoras ávidos por descortinar um pouco de fidelidade aos fatos do passado nos discursos resultantes.

Trazer à luz a história de iniciativas que não chegaram a deixar sua marca, pelo menos quando o critério é a longevidade, inscreve-se naquela necessidade de que falava Walter Benjamin (2016), de revirar os escombros da história para contá-la a partir da perspectiva dos vencidos. E que cresce ainda mais em importância quando se observa que, a despeito de ter mobilizado tantos recursos e a opinião pública, a *Gazeta Pelotense* permanece como mera lembrança na cidade de Pelotas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história** (Organização e tradução de João Barrento). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias, 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=403&path%5B%5D=pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. **Vária História**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, jan/jun 2012.

HOBSBAWM, Eric. O presente como história: escrevendo a história de nosso próprio tempo. IN: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escala**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.